

“Sentimos um forte apoio”, diz Malan

Daniela Fernandes

Para o Valor, de Paris

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, afirmou ontem em Paris ter observado uma “expressiva manifestação de apoio ao Brasil” durante a sua viagem à Europa, que durou quatro dias. Malan encerrou ontem na capital francesa sua maratona de encontros com representantes do governo, banqueiros e empresários, como os realizados em Madri e Londres, e considerou sua estada européia como bastante positiva. “Sentimos um forte apoio do setor oficial, dos bancos e investidores diretos”, declarou durante uma entrevista coletiva na embaixada brasileira em Paris.

Questionado sobre qual seria a posição concreta dos banqueiros em termos de abertura de linhas de crédito ao Brasil, Malan respondeu que alguns são mais enfáticos, enquanto outros levantam certas dúvidas, mas “no geral, a ‘body language’ (linguagem corporal) dos investidores tem sido positiva”, disse o ministro para exemplificar sua impressão decorrente desses contatos.

Malan, acompanhado do diretor da área externa do BC, Beny Parnes, repetiu em Paris o mesmo discurso que já havia feito na Espanha e na Inglaterra, com o objetivo de convencer os investidores de que os números da economia brasileira são sólidos e que o novo governo que sairá das urnas honrará os compromissos e acordos fixados pela atual equipe econômica. Ele também distribuiu na França cópias das declarações dos principais candidatos à presidência se comprometendo a cumprir vários compromissos macroeconômicos (veja matéria na página A8).

O ministro se reuniu durante uma hora pela manhã com o ministro francês da Economia, Francis Mer, e encontrou depois cerca de 40 empresários franceses, de companhias como Saint Gobain, Peugeot, Renault e Michelin. Durante a palestra, os empresários fizeram perguntas sobre o excesso de volatilidade do real, sobre a dívida interna e externa brasileira e também sobre os investimentos diretos no país.

À tarde, Malan teve um encontro com o governador do banco central da França, Jean Claude Trichet, na sede da instituição, onde conversou também com representantes dos dez maiores bancos franceses, como BNP Paribas, Société Générale, Crédit Agricole e Banque Populaire Natexis. Após os Estados Unidos, a França representa, como a Inglaterra e a Alemanha, uma importante fonte de linhas de crédito para o Brasil.

Malan ressaltou, no entanto, “não ter a ilusão” de que no dia seguinte haverá uma dramática elevação no nível de financiamentos de curto prazo. Essa recuperação, diz o ministro, será gradual. “Não viemos com um documento com linhas pontilhadas no final pedindo para eles (os bancos) assinarem”, disse o ministro. “Procuramos apenas argumentar que não há razões para não acreditar na economia brasileira.”

Apesar dos esforços do ministro, os investidores franceses estão preocupados (ou reticentes) em relação à nova política do governo que será eleito em outubro. Malan tentou tranquilizá-los, dando o exemplo do ex-primeiro ministro comunista italiano, Massimo d'Alema, argumentando que nin-

guém questionou se ele respeitaria os contratos de responsabilidade fiscal e de inflação. Mas no geral, prevalecem as incertezas.

“O esforço do ministro para tranquilizar o meio empresarial é importante e deve ser elogiado, mas tudo depende do resultado das eleições”, resume Patrick Lepercq, vice-presidente de negócios da Michelin, que tem quatro fábricas no Estado do Rio, e que estava presente no encontro com empresários. “Não sabemos o que a nova administração fará para as empresas internacionais e quais serão os termos de acesso aos mercados como o Mercosul”, pondera Lepercq, acrescentando ter uma “espécie” de confiança de que o novo governo honrará o acordo com o FMI.

Um economista do banco CCF, comprado pelo HSBC, também presente ao encontro, elogiou a política econômica do atual governo, mas afirmou, no entanto, “que o risco está presente, mesmo que o medo seja infundado”.

A filial Natexis, do Grupos Banques Populaires, quinto maior banco francês, reduziu nos últimos meses sua linha de financiamentos para o Brasil de US\$ 600 milhões para atuais US\$ 200 milhões. E um representante da instituição, ao qual a reportagem de Valor teve acesso, afirmou que esse crédito deverá ser zerado até as eleições, “para não correr risco de muita exposição”.

A maratona européia terminou para todos ontem. O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, esteve na Holanda, e o ministro Pedro Parente em Portugal. Malan retornou ao Brasil hoje pela manhã, esperando que seu “feeling” em termos de “body language” se concretize.